

Academias de polícia : necessidade de identidade policial democrática

Policiais manifestam apoio a ameaças autoritárias de Bolsonaro como se isso fosse missão das polícias ou como se a adesão ideológica fosse parte da condição de ser policial

Alexandre Pereira da Rocha
1 de setembro de 2021

DIVULGAÇÃO/PCDF



As academias de polícia são responsáveis pela transmissão de um tipo ideal de policial

Chega em boa hora o livro “Tornar-se Policial: o Processo de Construção da Identidade Profissional do Policial nas Academias de Polícia”, da professora Paula Poncioni. Afinal, em tempos em que policiais têm demonstrado alinhamento aos discursos autoritários do bolsonarismo, convém refletir sobre os distintivos da identidade policial. Diante disso, vale questionar se as academias de polícia visam à promoção de uma identidade policial sedimentada em valores democráticos.

Não pretendo discorrer sobre o conteúdo do livro da professora Paula Poncioni, que, embasada em profunda pesquisa de campo, analisa com detalhes as vicissitudes do ensino nas academias de polícia. Todavia, o objetivo aqui é elucubrar até que ponto o ensino policial, no âmbito das academias de polícia, tem a preocupação de enfrentar narrativas autoritárias, como as que têm sido elaboradas pelo presidente Bolsonaro.

Há um velho jargão no meio policial que diz: o que é dito na academia não serve para a atividade policial. Daí o postulante a policial se torna esse profissional nas ruas, não nas academias. Embora isso tenha um fundo de verdade, não significa dizer que o ensino policial, a cargo das academias de polícia, seja irrelevante. Isso porque as academias de polícia são locais fundamentais na produção de discursos e saberes que permeiam o campo policial. Então surge a questão: ideais antidemocráticos, ao estilo do bolsonarismo, são aprendidos nas academias de polícia ou são adquiridos no cotidiano da atividade policial?

As academias de polícia são instituições responsáveis pela transmissão de um tipo ideal de policial, logo os conhecimentos que ele possui, enquanto valores e práticas sobre o papel da polícia na sociedade, devem ser obtidos nas referidas instituições de formação. Portanto, é apropriado saber o que está sendo ensinado nas academias; seja em termos de abordagens pedagógicas repassadas pelos docentes, formalizadas nos planos de ensino e disciplinas, ou em ideais partilhados em currículos ocultos, que, embora não escritos, são influentes na formação policial.

Em termos do que está expresso no ensino nas academias dos profissionais de segurança pública, vale destacar o avanço da Matriz Curricular Nacional de Segurança Pública apresentada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), ainda em 2003. Resumidamente, esse documento vislumbra formar profissionais de segurança pública críticos, éticos e responsáveis pelas transformações da realidade social e histórica do país, especialmente em temas de direitos humanos, cidadania e diversidade.

Embora essa Matriz Curricular seja sugestiva, ela tem sido referencial em várias academias de polícia; por exemplo, na Polícia Civil do Distrito Federal e Polícia Militar de Alagoas. Nas unidades que buscam seguir esse documento, estudos apontam que há resistências, sobretudo com o trato de assuntos considerados progressistas. Agora, imaginemos nas instituições de ensino que não possuem preocupação na formação dos policiais para além do velho adestramento em nome da lei e da ordem. Provavelmente é justamente aí que, em considerável parte, valores autoritários, discriminatórios, violentos são gestados, ensinados e reproduzidos.

É triste. Hoje policiais manifestam apoio às ameaças autoritárias de Bolsonaro como se isso fosse missão das próprias polícias. Ademais, como se a adesão ideológica ao bolsonarismo fosse parte da condição de ser policial. Com efeito, agentes de segurança pública diversos têm usado seus cargos, patentes e postos para endossar, expressa ou implicitamente, atos radicais do bolsonarismo; como os que pregam fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, a tomada do poder pelos militares. Tais opiniões dificilmente foram só incorporadas nas ruas, elas também são construídas e reforçadas nos espaços policiais, como as academias de formação policial.

Atualmente, a identificação com discursos e práticas autoritárias recebe o nome de bolsonarismo; contudo, independente da figura do Bolsonaro, isso já existia. Mesmo depois de três décadas de experiência democrática, apesar dos progressos da Matriz Curricular Nacional de Segurança Pública, no geral, o ensino policial realizado pelas academias de polícia ainda é pautado em bases conservadoras. Com efeito, as academias de polícia, enquanto recintos de formação e do ensino policial, têm falhado na promoção de educação policial libertadora e comprometida com a democracia.

Enfim, tornar-se policial é um processo, como bem aponta a professora Paula Poncioni. Esse processo, em boa parte, é engendrado nas academias de polícia, que são responsáveis pela formação de policiais em várias fases da carreira. Logo, se ainda há policiais adeptos incondicionais aos extremismos autoritários, como os defendidos por Bolsonaro, é por que as academias de polícia precisam avançar e muito na constituição de uma identidade policial democrática.

Alexandre Pereira da Rocha

Doutor em Ciências Sociais (UnB), Policial Civil no Distrito Federal (PCDF), Associado ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)

https://fontesegura.org.br/pro_ssao-policia/jm5r3xra7r

